

**A SEMANA – 241\***

10 de janeiro de 1897

Falemos de doenças, de mortes, de epidemias. Não é alegre, mas nem todas as coisas o são, e algumas há mais melancólicas que outras. Estamos em pleno estio, estação dos grandes obituários, que por ora não sobem da usual craveira; morre-se como em maio e setembro. A velha hóspede importuna (não é preciso dizer o nome) ainda se não levantou da cama; pode ser até que lá fique. Também há anos em que, por se levantar tarde, não come menos, ainda que mais depressa; mas esperemos o melhor.

Apesar de tudo, o conselho municipal votou, creio eu, a lei do empréstimo de saneamento.<sup>1</sup> Não afirmo que sim nem que não, porque é mui difícil para mim extrair de um longo debate o que é que realmente se votou ou não votou. Quando os vereadores falavam uns para os outros, e só eram conhecidos cá fora os votos coletivos, poder-se-iam ter presentes as leis, então chamadas posturas, e mal chamadas assim. As galinhas não põem silenciosamente os ovos; cacarejam sempre. Ora, os vereadores punham calados as suas leis. Também não se lhes sabia a opinião, e podiam pensar diversamente no princípio e no fim de agosto, conquanto fossem firmes todo o ano; mas podiam. Agora que, por uma razão justa, os discursos são apanhados, impressos, postos em volume, tudo se sabe do debate, o que é dele e o que não é. Mas vá um homem tomar pé no meio de tantas orações!

Demais, o contribuinte, bem examinado, não quer saber de orçamentos nem de empréstimos. O contribuinte sou eu, és tu; tu és um homem que gostas de dizer mal, de ler veementes discursos, mormente se trazem muitos apartes e não tratam da matéria em discussão, espírito fluido, avesso às asperezas de imposto e às realidades da soma. Deem-nos bons debates, algum escândalo, meia dúzia de anedotas, e o resto virá.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXIII, n. 10, p. 1, 10 jan. 1897) e SEM1953 (v. 3, p. 384-390). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Na *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 3, p. 2, col. 4, 3 jan. 1897), lê-se: “CONSELHO MUNICIPAL / Na sessão de ontem [...] / Na ordem do dia foram aprovadas as seguintes matérias: / [...] / 3ª discussão do projeto n. 215, de 1896, autorizando o empréstimo de seis milhões esterlinos para o saneamento da capital federal.” Na mesma *Gazeta* (ano XXIII, n. 13, p. 2, col. 2, 13 jan. 1897), em data posterior à publicação desta crônica, lê-se: “A resolução do conselho municipal, autorizando o prefeito a contrair, sob garantia do governo federal, um empréstimo de seis milhões esterlinos, com aplicação única e exclusiva às obras do saneamento da capital federal, foi sancionada por ato de anteontem.”

Ninguém se há de negar a pagar os impostos. Quando forem muitos e grossos, que tornem a vida cara, farão o ofício do calor e da trovoadas, que é dar princípio às conversações de pessoas que não tenham outra coisa que dizer. Iniciada a palestra, desaparecem.

Creio, porém, que está votado o empréstimo. Dado que sim, convirá proceder já às obras, ou será melhor esperar que o mal comece? Tudo está em saber o que é o mal. Aparentemente é só aquela visita de 1850,<sup>2</sup> que ainda não saiu cá de casa, por mais que recorramos às superstições da terra contra os cacetes; mas bem pode ser que haja outro: a arteriosclerose. Já se morre muito desta doença. Há coisa de dez ou quinze anos ninguém conhecia aqui semelhante flagelo, nem de figura, nem sequer de nome. Não conseguira transpor a barra; não pensava sequer nisso. Um dia, caiu não se sabe donde e pegou um descuidado, que não resistiu e foi para o obituário entre uma vítima de tuberculose e outra de tifo; estava em casa. Daí para cá, a arteriosclerose tem feito as suas vítimas certas. Outras doenças podem matar ou aleijar, e também podem não fazer nada, não aparecer sequer; aquela é segura. É sorradeira. Uma pessoa adocece, não mostra de quê, por mais que se investigue, apalpe, analise; dá-se-lhe tudo, contra vários males, e a vida diminui, diminui, até que se vai inteiramente. Só então o terrível mal põe a orelha de fora, e passa um defunto para o cemitério com esta pecha de haver dissimulado a causa da morte, última e mais hedionda das hipocrisias.

O que há pior nessa moléstia, não é decerto o nome. O nome é bonito, é científico, não é de pronúncia fácil, e dito de certo modo pode matar por si mesmo. Ora, é sabido que os nomes valem muito. Casos há em que valem tudo. Na política é que se vê o valor que podem ter as palavras, independente do sentido. Agora mesmo veio um telegrama não sei de que Estado, tratando das últimas eleições. Conta fatos condenáveis, atos de violência e de fraude, e, referindo-se ao governo do Estado, chama-lhe *nefasto*.<sup>3</sup> Ninguém ignora o que é um telegrama, tudo se paga. Todos sabem que há adjetivos trágicos, próprios da grande correspondência, das proclamações, dos artigos de fundo, impróprios da via telegráfica. *Nefasto* parece estar nesse caso. É palavra grossa, enérgica, expressiva, – um tanto gasta, é possível, como bandido e perverso; mas sempre serve. Por mais gasto que esteja, nefasto tem ainda certo vigor; maior uso tem perverso, e há muito quem o empregue com bom êxito. Bandido, que é o mais surrado dos três, tem na harmonia das sílabas alguma coisa que lhe compensa o uso; e não é a qualquer que se lança este nome de bandido. Tu não és bandido; eu não sou bandido.

<sup>2</sup> A epidemia de cólera foi em 1855-1856, e causou grande número de óbitos. (Ver KODAMA, Kaori *et al.*, 2012)

<sup>3</sup> No *Jornal do Commercio* (ano 77, n. 8, p. 2, col. 5, 8 jan. 1897), lê-se: “PARÁ, 6 de janeiro de 1897. *Telegrama do Amazonas* [...] Juízes todos partidários, *nefasto* governo usurpador. Comunique presidente da república, imprensa.” (grifo nosso) O cronista talvez se refira a esse telegrama, sobre eleição no Amazonas, do qual citamos apenas pequeno trecho.

Pois, meu amigo, o correspondente não hesitou em mandar *nefasto* pelo telégrafo. Tal é o efeito de um adjetivo de certa gravidade. A suposição de que o telégrafo só conta e resume os fatos, vê-se que é gratuita. Também as paixões andam por ele, e as paixões não se exprimem com algarismos e sílabas soltas e pecas. Paixões são paixões. Chamam nefasto ao nefasto, sublime ao sublime, e não olham a dinheiro para transmitir o termo próprio. Se se há de falar de um governo adverso sem se lhe chamar nefasto, também não se poderá dizer de um governo amigo que é benemérito; não se poderá dizer nada. O telégrafo fica sendo um serviço sem explicação, sem necessidade, mero luxo, e, em matéria de administração, luxo e crime são sinônimos. Tanto não é assim, que esta mesma semana tivemos outra amostra de telegramas. Li alguns que, depois de qualificarem certo ato com palavras duras e cortantes,<sup>4</sup> concluíam por chamá-lo inqualificável. Dois ou três, ao contrário, começam por declará-lo inqualificável, e acabam dando-lhe as devidas qualificações – tudo por eletricidade, que é instantâneo.<sup>5</sup> A contradição é só aparente; inqualificável aqui é um termo superlativo, cúmulo dos cúmulos, uma coisa que encerra todas as outras. Sem esta faculdade de fazer estilo, o telégrafo não passaria de um edital de praça, quando o que lhe cumpre é ser catálogo de leilão.

Tudo isto veio a propósito de quê? Ah!<sup>6</sup> da arteriosclerose. Dizia eu que o pior desta moléstia não é o nome. Em verdade, o pior é que ninguém lhe escapa. Não conheço pessoa que diga de si haver estado muito mal de uma arteriosclerose; o enfermo sabe da enfermidade quando a notícia da morte está no obituário, e os obituários publicam-se com alguma demora. É mal definitivo. Talvez conviesse fazer escapar alguns atacados, ainda que por poucos meses, um ou dois anos. Não é muito, mas a maior parte da gente, tendo de escolher entre morrer agora ou em 1899, prefere a segunda data, quando menos com o pretexto de ver acabar o século. É uma ideia; um específico contra a arteriosclerose, não salvando a todos, mas uns cinco por cento, podia muito bem ser aplicado, sem deixar de enriquecer o inventor, que afinal também há de morrer.

Realmente estou demasiado lúgubre. *On ne parle ici que de ma mort*, diz um personagem de não sei que comédia.<sup>7</sup> Sacudamos as asas; fora com a poeira do cemitério. Venhamos à vida, ao saneamento. Uma folha estrangeira perguntava há pouco quais eram as duas condições essenciais da salubridade de uma cidade, e respondia a si mesma que

<sup>4</sup> A parte restante deste parágrafo (e parte da primeira frase do parágrafo subsequente) vem ao pé da terceira coluna do jornal e, no periódico digitalizado, está praticamente ilegível (letras apagadas). Nessa passagem seguimos a lição de Aurélio.

<sup>5</sup> O adjetivo “instantâneo” parece-nos concordar com a ideia de “telegrama” (silepse).

<sup>6</sup> As palavras “da arteriosclerose” já vêm no alto da quarta coluna do jornal, e, a partir deste ponto o texto está legível.

<sup>7</sup> Passagem de *Les faux bonshommes* (“Os hipócritas”), comédia em quatro atos, de Théodore Barrière (1821-1877): “on ne parle que de ma mort là dedans!” (BARRIÈRE, 1857, p. 132); “Não se fala senão da minha morte lá dentro!” [Trad. nossa]. O cronista citou essa mesma passagem na crônica de 8 de março de 1885 da série “Balas de estalo”. (ASSIS, 2008, v. 4, p. 592)

eram a água corrente em abundância e a eliminação rápida dos resíduos da vida.<sup>8</sup> Depois, com um riso escarminho, concluía que tudo estava achado há vinte séculos pelos romanos. E lá vinham os famosos aquedutos... Mas, entre nós, os aquedutos, com o trem elétrico por cima, dão a imagem de um progresso que os romanos nem podiam sonhar. E quanto aos banhos, não há de que se orgulhem os antigos. O atual chafariz da Carioca tem lavado muito par de pernas, muito peito, muita cabeça, muito ventre; na menor das hipóteses, muito par de narizes. Não tem nome de banho público, mas *what's in a name?* como diz a divina Julieta.<sup>9</sup>



### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 10, p. 1, 10 jan. 1897. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=15575](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15575)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

BARRIÈRE, Théodore. *Les faux bonshommes*. Paris: M. Lévy Frères, 1857.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KODAMA, Kaori *et al.* Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856): uma análise preliminar. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*

---

<sup>8</sup> Não localizamos esta “folha estrangeira”.

<sup>9</sup> “O que há num nome?” – palavras de Julieta em *Romeu e Julieta* (ato II, cena II), de Shakespeare (2016, p. 42. Tradução de Bárbara Heliodora).

[online]. 2012, v. 19, p. 59-79. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000500005>>.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.